



Uma orientação para a contingência”

Publicado como:

Vieira, M. A. O que é a orientação lacaniana hoje? Arquivos da biblioteca n.14. Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Rio, setembro de 2018.

[Capa e índice](#)

Marcus André Vieira

Resumo

Quero apresentar a vocês o ponto em que essa orientação me parece vital hoje. Retomo, então, o momento em que Miller define o que é a orientação lacaniana, em “O Outro que não existe e seus comitês de ética”.

Tive o prazer de ser o primeiro convidado deste Seminário que se conclui hoje. Quis, naquele momento, lançar a questão: *o que é a orientação lacaniana?* E definir elementos básicos de resposta. Hoje, após o percurso rico desse ano, trazer o que é a orientação lacaniana não mais no geral, mas no particular de cada um de nós, AMEs da EBP me pareceu uma ideia bastante oportuna, pois cria uma conclusão na diversidade, aberta e não fechada.

Lembro de destacar no início do ano, como “orientação lacaniana” é uma expressão que traduz muitas coisas, para começar, a relação de J. A. Miller com Lacan - no plano do saber, mas não apenas. Ele é aquele que se propõe a fazer aparecer do *Seminário* de Lacan “a arquitetura”, de “reconstituir a cadeia de deduções” que o compõem.¹ No trabalho em que esse desejo de

♦ Apresentado no “Seminário da Orientação Lacaniana” da *Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Rio*, em 04/12/2017.

J. A. Miller o lançou, que seguiu por quase trinta anos em seu *Curso da orientação lacaniana* no Departamento de Psicanálise de Paris VIII - quase tanto tempo quanto o do *Seminário* -, muita coisa se produziu. Sua leitura, que chamou às vezes *elucidação*, foi também uma formação clínica para várias gerações e acabou sendo uma marca de pertencimento. Diz-se “sou analista de orientação lacaniana”, que tem como subtexto, mais ou menos recalcado, “sou milleriano”.

Temos então uma orientação de trabalho, de leitura e ao mesmo tempo lidamos com alguma coisa que é uma comunidade, até mesmo em seus efeitos imaginários. Importante lembrarmos disso, como se vê não há uma única definição de orientação lacaniana, o próprio Miller fez mais de uma.

Quero apresentar a vocês o ponto em que essa orientação me parece vital hoje. Retomo, então, o momento em que Miller define o que é a orientação lacaniana, em “O Outro que não existe e seus comitês de ética”². Nessa passagem ele situa a orientação lacaniana como orientação para o real, expressão já bem conhecida. Ele especifica, porém, claramente de que real se trata.

Começando pela *episteme*, pelo saber, ele afirma que a orientação lacaniana pode ser entendida como um jeito de lidar com o saber na psicanálise ou de entender como a psicanálise lida com o saber. Para situar esse modo ele opõe ciência e religião, seguindo a indicação de Lacan em *O triunfo da religião*.³ A ciência, ao tomar o mundo a partir de suas fórmulas, o esvazia de sentido. Ela, de certa maneira ignora o sentido, por separar sentido e real. Para ela, no real há saber, mas apenas como leis, fórmulas, sem sentido, o que sintetiza a expressão de Lacan em “A ciência e a Verdade”, de que para a ciência “os planetas não falam”.

Já a religião injeta sentido no mundo, traz a crença de que o mundo tem sentido, como diz Miller: “A crença de que há, se posso dizer assim, uma finalidade semântica no mundo.”⁴

Desse modo, quanto mais o mundo se desorienta pelo ilimitado do fazer da técnica científica, que é essencialmente sem consciência, sem valores, sem sentidos, mais a religião é chamada a dar sentido, a restaurar a crença na finalidade semântica do mundo.

Nesse momento Miller define a orientação lacaniana como uma *orientação para o real*.⁵

Se deixamos assim, a orientação lacaniana seria igual à religião, pois *real* aparece como uma finalidade, finalidade semântica do mundo, o sentido da vida que Freud e Lacan nos ensinariam, bastando para isso sermos bons

iniciados em seus mistérios. Justamente, nesse momento do curso, ele diz que esse real de nossa orientação não tem como ser um ideal porque ele não tem forma, cor, cheiro, essência alguma: “Não há sentido, não há saber no real”. Se ficássemos nisso, porém, não sairíamos do real místico, o real como inefável, silêncio infinito. O fora do sentido, porém, não é um absoluto vazio. É o que diz Miller a seguir: “Não há sentido, não há saber no real, mas *há o fora-do-sentido de uma fórmula, que pode se inscrever*”.⁶

Gosto dessa frase, que é mais simples do que parece. Não há no real saber, mas alguma coisa que se encontra e que pode ser agarrada por meio de uma escrita. Assim entendo o que a gente apreende com os nomes de gozo dos relatos de passe. Alguma coisa que estava ali de um gozo impronunciável, se pronuncia, ganha a possibilidade de um nome.

Não é um nome que passa a ser o único e verdadeiro nome, outros virão, em alguns AEs inclusive isso é explícito, M. Cristina Giraldo afirma explicitamente, que quase que a cada testemunho ela busca nomear o gozo como dá a cada vez. Serviu ali, naquela hora, no minuto seguinte pode não mais servir para agarrar a singularidade do *sinthoma* e será preciso outro.

A orientação lacaniana é a orientação em direção a um real que não tem sentido, que não se apreende como saber, mas que pode se inscrever, caso se saiba fazer um tanto com ele, ali, na situação contingente.

Assim leio como Miller formula: “a constância própria do que podemos encontrar na experiência analítica é exatamente a contingência de que o real se inscreva.”⁷

Não é portanto a fórmula do impossível, a do real como *o que não cessa de não se inscrever* que é nossa orientação, mas a da contingência. Não é o reconhecimento de que o impossível nunca vai acontecer, mas sim o reconhecimento de que, às vezes, o impossível acontece. Isso muda bastante a ideia de um impossível que está sempre mais além, impossível que jamais virá, porque este impossível é o impossível da impotência, o da “crença na semântica última do mundo”. Não, é impossível, mas mesmo assim, alguma coisa aconteceu. Os nomes de gozo, nesse sentido, não dizem o gozo, não dizem o gozo singular, mas comemoram que alguma coisa desse gozo singular passou para o Outro, para a vida do sujeito, para o Outro da Escola.

O real da orientação lacaniana é o da contingência, mas isso não elimina o impossível. Existe uma relação entre o impossível e a contingência, que é fundamental, só há contingência em um sentido forte porque há o

impossível. Se acontece o que poderia acontecer, estamos no plano do possível, mesmo se improvável. A contingência é quando encontramos com o impossível, esbarramos com ele, aqui e agora, e não quando constatamos que ele continua impossível, no além, na eternidade. Uma expressão do Cottet que adoravo diz isso: *não fazemos análise só para constatar que a vida é malfeita!* Sabemos todos que a vida é malfeita, mas de vez em quando alguma coisa acontece que faz as coisas rodarem de outro jeito, por isso fazemos análise.

A que política isso corresponde? Não dá para fazer revolução com uma política da contingência, talvez nem mesmo subversão, a de uma ressignificação, por exemplo, porque tanto uma quanto outra supõem que se a gente fizer o necessário a mudança virá. No plano da contingência a gente faz o que a situação pede. O que virá? Veremos. Podemos lidar com o Outro “da hora”, como se diz, e buscar nele o singular. Conforme o que acontece, podemos tirar consequências, escrever, agir. Assim entendo que a ação lacaniana seja “na brecha”, porque essa brecha não tem nome ou endereço, não é um buraco fixo no Outro; mas a se se abre, como define Lacan o inconsciente freudiano no *Seminário 11*, na contingência. A política do *sinthoma* é, então, a política da contingência, que é a do acontecimento. Nosso desafio é encontrar, ou forjar, no acontecimento, o saber que nos permita estar à altura dele.

¹ Miller, J. A. “O ser e o Um”, Curso da Orientação lacaniana, 2010-2011, inédito, lição de 19 de janeiro de 2011.

² Miller, J.-A. *El outro que no existe y SUS comités de ética/com colaboración de Éric Laurent* (1996-1997). Buenos Aires: Paidós, 2005,

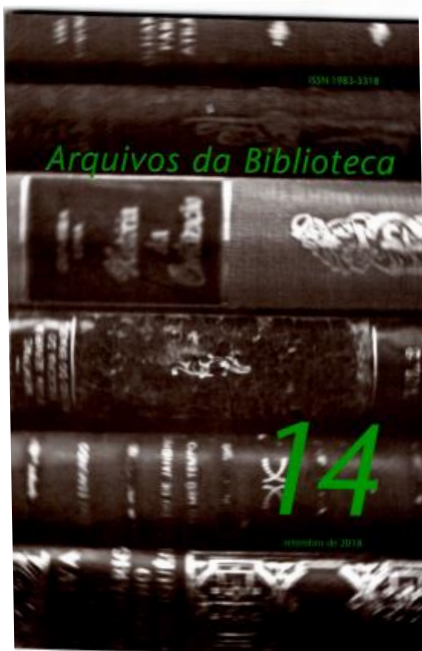
³ Lacan, J. *O triunfo da religião*, Rio de Janeiro, JZE, 2005.

⁴ Miller, op, cit, 5/3/97.

⁵ *Ibid*, 20/11/96.

⁶ *Ibid*, 12/3/97.

⁷ *Ibid*.



Diretoria da EBP-RJ Biênio 2017-2018

Diretora Geral: *Angela Cavalcanti Bernardes*
Diretora de Tesouraria/Secretaria: *Ana Tereza de Faria Góssimas*
Diretor de Biblioteca: *Elián Monteiro*
Diretora de Cartões e Intercâmbio: *Rachel Amin de Freitas*

Comissão de Publicação de Arquivos n. 14

Anna Luiza de Almeida e Silva
Adriano Amaral de Aguiar
Angélica Costarella Tironi
Cláudia Marchetto
Helvise Shimahukano
Maria Angela Máximo Fonseca Maia
Mirta Zilman
Manuel Barros da Motta
Patrícia Guimarães
Vera Avellar Ribeiro

Bibliotecária

Jéssica Nogueira Gomes
bibliotecarjebprio@com.br
Tel: [55 21] 2539.2721

Arquivos da Biblioteca é uma publicação da
Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro
Rua Capistrano de Abreu, 14-16 – Botafogo
22.271-000 – Rio de Janeiro – Brasil
Secretaria da EBP-Rio [55 21] 2539.0960
www.ebp.org.br/rj/
ebprio@ebprio.com.br

Sumário

Editorial 7
Elisa Monteiro

O que é a Orientação lacaniana hoje? 11
*Marcus André Vieira, Romildo do Rêgo Barros,
Marta do Rosário C. do Rêgo Barros, Heloisa Caldas,
Ana Lúcia Luttenbach Holick e Stella Jimenez*

As psicoses entre a rebeldia e a invenção 33
Oscar Zack

Um amor posto à prova do real 53
Anaceli Fuentes

A psicose ordinária como ponto
orientador para a clínica contemporânea 65
Rômulo Ferreira da Silva

Conversando sobre
O crime à luz da psicandlise lacaniana 75
Manoel Barros da Motta

Goethe e o romantismo alemão 87
Pedro Süsskind